

Felipe Campo Dall'Orto

organizador



Autores

Ana Clara Bourguignon
Ester Tavares de Azevedo Pereira

Felipe Campo Dall'Orto

Guilherme Avanza

Helena Dornelas

João Lucas Pimassoni

Jordana Duarte

Lorena Colli

Loren Bretenkamp Peterli

Maya Dorietto

Paulo Henrique Rangel Rosa

Raquel Silva

Thaila Alexandra



Felipe Campo Dall'orto

Um contador de histórias, que se apropria das técnicas teatrais para descobrir as potencialidades dos alunos nessa arte tão mágica. Doutor em Estudos Culturais pela Universidade do Minho em Braga/Portugal; Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Pós-graduado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; e Graduado em Comunicação Social - Rádio e TV pela Faculdades Associadas do Espírito Santo/Faes. Atualmente é professor do Centro Universitário FAESA/ES e especialista em trabalhos em grupo, com consultorias para ONGs e empresas sobre desenvolvimento de equipes e relacionamentos interpessoais.

Felipe Campo Dall'Orto

organizador



Autores

Ana Clara Bourguignon

Ester Tavares de Azevedo Pereira

Felipe Campo Dall'Orto

Guilherme Avanza

Helena Dornelas

João Lucas Pimassoni

Jordana Duarte

Lorena Colli

Loren Bremenkamp Peterli

Maya Dorietto

Paulo Henrique Rangel Rosa

Raquel Silva

Thaila Alexandra

© de vários autores; organizado por Felipe Campo Dall’Orto. Caminhos da escrita: teatro como transformação social

Todos os direitos reservados.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. A violação dos direitos autorais (Lei no 9.610/98) é crime (art. 184 do Código Penal). Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20/12/1907.

1a. edição: 2023.

Capa: Paulo Ricardo Fraga Fonseca e Felipe Campo Dall’Orto

Projeto Gráfico e Diagramação: Paulo Ricardo Fraga Fonseca, conhecido como Rick Pouls (Contato: E-mail: ricpouls@gmail.com e Instagram: @rickpouls).

Contato do autor: felipe.campo@faesa.br.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Alessandra Pattuzzo - CRB 752/ES

C183 Caminhos da escrita: teatro como transformação social / vários autores; organizado por Felipe Campo Dall’Orto. – Centro Universitário Espírito Santense - FAESA: Vitória, ES; 2023.

60 f.; il. 23 cm.

Projeto de extensão FAESA - Teatro como Transformação Social
ISBN: 978-85-61299-11-8

1. Teatro brasileiro (Literatura). 2. Teatro – Transformação Social.
I. Dall’Orto, Felipe Campo (org.). II. Título.

CDD: 869.2

*“todos nós somos teatro; além disso,
alguns dxe nós também fazemos teatro”*

Augusto Boal



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

PRIMEIRO ATO DRAMATURGIAS

Peça I	Figuras de Brinquedo.....	13
Peça II	Manual de Finais Felizes.....	27
Peça III	Ensaio Sobre a Depressão.....	37
Peça IV	Decisão Final.....	41
Peça V	A Última Valsa.....	51

SEGUNDO ATO PROSAS/EMBRIOES

Peça I	O Palacete de Marfim.....	63
Peça II	Algo Mudou Entre Nós.....	65
Peça III	Cante para Mim.....	67
Peça IV	Memórias.....	69
Peça V	A Viagem.....	71
Peça VI	Aposentado Nostálgico.....	73
Peça VII	O (Des)florescer do Tempo.....	75
Peça VIII	O Encontro de Vidas.....	77
Peça IX	Estrada para o Paraíso.....	79
Peça X		81
Peça XI	Voltar.....	83
Peça XII	Espaço.....	85



APRESENTAÇÃO

A arte nos ajuda a contar histórias, a expressar nossos sentimentos e a provocar reflexão nas pessoas. Dentre as diferentes formas de arte, o teatro consegue unir a palavra, a imagem e o som como canais estéticos e sensíveis de manifestação social.

A oficina “Teatro como transformação social” tem o intuito de utilizar técnicas teatrais para desenvolver as potencialidades dos alunos em diversas funções dramáticas. Assim, são utilizados jogos cênicos e exercícios de improvisação que ajudam no desenvolvimento de competências ao longo do processo de criação.

Dentre as diversas atividades, surgem potenciais atores, produtores, diretores, cenógrafos, figurinistas e dramaturgos. Através da escrita criativa, os alunos são estimulados a experimentar a dramaturgia como forma de expressão, produzindo embriões de cenas e, posteriormente, escrevendo cenas teatrais completas.

Esse livro é um dos resultados dessa oficina, ministrada na Faesa Centro Universitário, que aconteceu de abril a dezembro de 2022, onde os alunos puderam explorar suas capacidades criativas a partir do teatro. E, ao se permitirem vivenciar o Teatro, se apropriaram dos elementos teatrais para representar histórias, escolhendo a arte da escrita para manifestar sua forma subjetiva de ver o mundo.

Assim, o livro contempla os dois momentos de criação, com as peças que foram escritas nesse processo e os embriões de cena, resultados dos exercícios de escrita criativa.

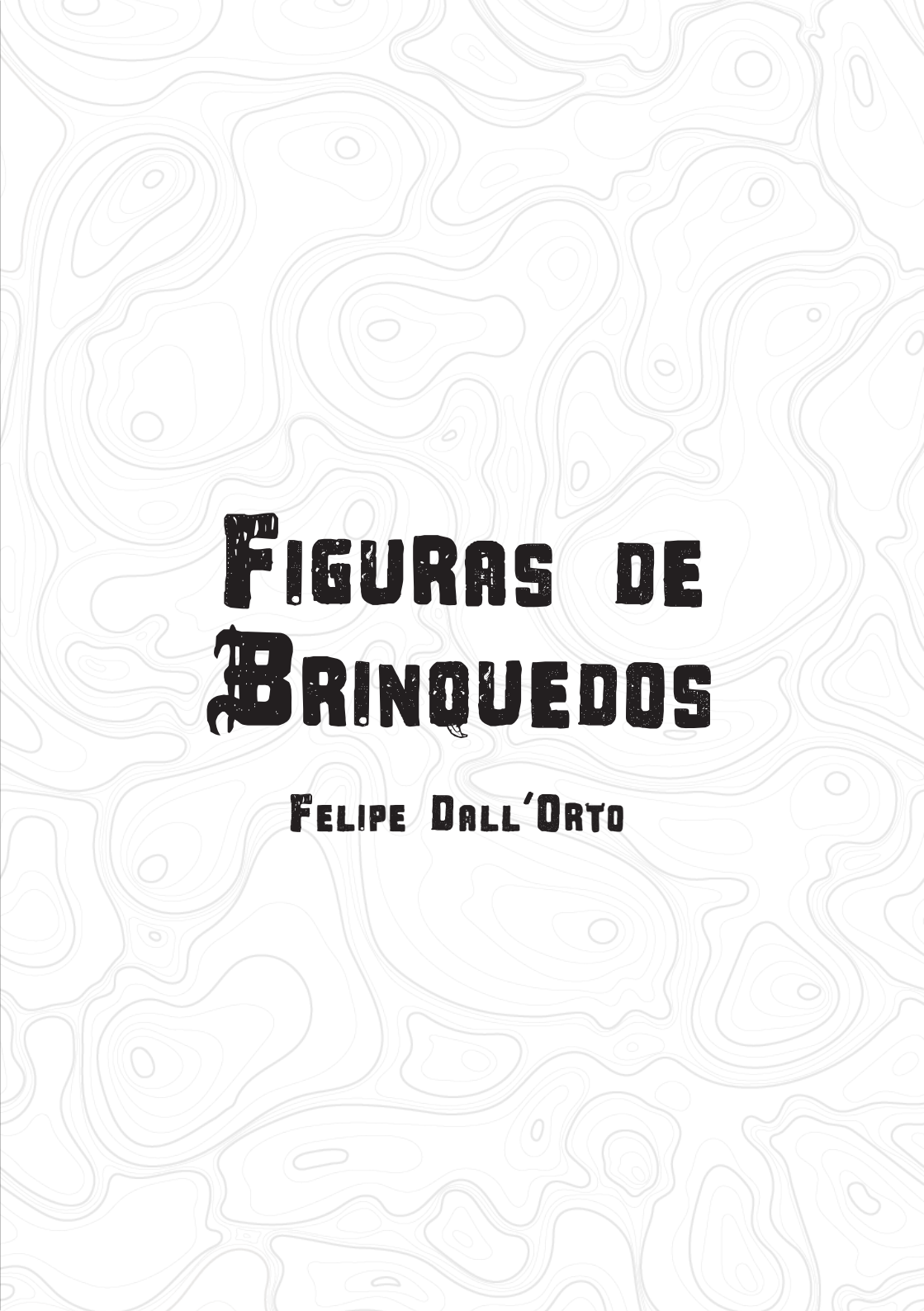




ATO I

**DRAMA-
TURGIAS**





FIGURAS DE BRINQUEDOS

FELIPE DALL'ORTO

FIGURAS DE BRINQUEDO

FELIPE DALL'ORTO

O PALCO ESTÁ DIVIDIDO EM TRÊS AMBIENTES. EM CIMA DUAS ESTÁTUAS EM FORMA DE CABEÇAS FORMAM O PALCO ONDE O REI FAZ SEUS DISCURSOS. NO CENTRO, EM BAIXO, UMA MESA NO CANTO ESQUERDO, TRÊS BANCOS À DIREITA E ALGUNS PANOS FORMAM O PALÁCIO, QUE SERÁ CERCADO POR PANOS ESTICADOS FORMANDO AS TORRES. NO FUNDO UM TRONCO DE MADEIRA, DUAS ESTEIRAS E UMA REDE DE PESCA FORMAM A CASA DO PESCADOR.

O PALCO ESTÁ VAZIO. JANAÍNA ENTRA CANTANDO COM UM CESTO DE FRUTAS, O COLOCA NA MESA E A ARRUMA. JOSEPH ENTRA PELO FUNDO CANTANDO A MESMA MÚSICA, SOBE NO TRONCO DE MADEIRA E COMEÇA A ARRUMAR A REDE DE PESCA. LÍBERA ENTRA, SORRI PARA JANAÍNA, PEGA UMA FRUTA E MORDE. SAI RINDO. UM BARULHO DE MARCHA INTERROMPE OS DOIS QUE PARAM DE CANTAR. O REI APARECE NA TORRE CENTRAL.

REI – Ouçam todos! Nós passamos por momentos difíceis, é preciso admitir que o mundo não é mais o mesmo. Os preços estão nas alturas, o que nos leva a tomar atitudes imediatas. A população precisa ser reeducada, e para que isso funcione, deve ser a meu modo. Por favor, não me tomem por autoritário, todos podem ter suas opiniões, desde que, não sejam contrárias as minhas. (RI) A partir de agora venho informar que os impostos irão aumentar. O imposto sobre a comida sobe 50 por cento. O imposto da pesca 40 por cento. O imposto sobre... A música, isso, a música, quem quiser ouvir ou cantar qualquer música deve pagar um imposto de 30 por cento. Que vai dar... não importa. Temos que conter a

inflação, enxugar gastos e para isso, dou ao meu povo o que o povo gostaria de dar a mim. (AMEAÇA SAIR) Ama! Trate de arrumar isso aí direito e vá preparar o meu almoço. Nada de feijão com arroz, quero abundância. O povo não quer ver seu Rei pagar pelas durezas dos pobres mortais. Se alguém tiver alguma reclamação a fazer mande procurar meus ministros, que eles têm que trabalhar para merecer o que recebem. (SAI)

O PESCADOR SE LEVANTA.

JOSEPH – Isso é um absurdo! Roubalheira. Nós praticamente trabalhamos só para pagar nossos impostos e agora tem mais essa? Daqui a pouco vamos voltar a ter trabalho escravo. Que vontade de sumir daqui... se não fosse pela princesa eu abandonava tudo e ia viver a deriva no mar. Isso não pode ficar assim, nós temos que ter algum direito. (SAI)

LÍBERA ENTRA.

LÍBERA – Janaína, é verdade o que estão falando por aí? Que meu pai aumentou de novo os impostos?

JANAÍNA – É sim menina, mas isso não é assunto pra você.

LÍBERA – Como não. Eu não posso aceitar que ele tome essas atitudes abusivas e não fazer nada.

JANAÍNA – Você sabe que não adianta. Ele só vai se irritar com você.

LÍBERA – Eu não tenho medo dele. Alguém tem que...

JANAÍNA – Silêncio! Ele vem aí, por favor não arrume mais problemas.

LÍBERA – Ele vai ouvir o que eu penso. Já está na hora dele entender que o povo tem direito a se pronunciar.

REI (ENTRANDO) – Que falação é essa? Parece uma feira.

LÍBERA – Que história é essa de o senhor aumentar de novo os impostos?

REI – Como é que é?

LÍBERA – É isso mesmo, o senhor está abusando da sua autoridade para piorar a situação já sofrida desse povo.

REI – Quem você pensa que é para me dizer o que eu posso ou não fazer? Você acha que eu me importo?

LÍBERA – Pois devia se importar. Essas pessoas que trabalham para manter o senhor como Rei.

REI – Cala a boca! Chega de palpites de uma fedelha.

LÍBERA – Eu tenho o direito de falar o que eu penso.

REI – Seu único direito é me obedecer.

LÍBERA – Pois eu me recuso desse direito.

REI – Você acha que a vida é um brinquedo Lego? Que é só você chegar e montar como bem entende? Aqui o maestro sou eu, e as coisas funcionam porque eu deixo elas funcionarem.

JANAÍNA – Deixa seu pai em paz.

REI – Tinha que ser você. É você que fica enfiando essas ideias na cabeça dela, sua inútil?

JANAÍNA – Não senhor.

LÍBERA – Não fala assim com ela!

REI – Eu mereço, se já não me bastasse um encosto na vida, agora tenho que aturar vocês duas. (AMEAÇA SAIR) E você, está proibida de sair do palácio hoje. Guarde essas ideias subversivas na sua cabeça.

JANAÍNA – Eu te falei para não perturbar ele.

LÍBERA – A gente não pode aceitar isso.

JANAÍNA – Ele é seu pai.

LÍBERA – Mas não é meu dono! (PAUSA/SENTA) Me desculpa, acaba sempre sobrando pra você.

JANAÍNA – Eu não ligo. Só não gosto quando ele briga com você.

LÍBERA – Eu não sei como você aguenta. Porque não vai embora?

JANAÍNA – Eu... eu não posso.

LÍBERA – Como não pode, você é livre, eu que vivo presa aqui.

JANAÍNA – De certa forma todos nós estamos presos no mundo.

LÍBERA – O que ele faz pra te manter aqui?

JANAÍNA – Nada. Você quer dar uma volta no jardim? Eu consigo convencer seu pai.

LÍBERA – Não muda de assunto.

JANAÍNA – Não tem assunto nenhum. Vamos dar uma voltinha?

LÍBERA – Para de me tratar feito criança. Eu já sou responsável pelos meus atos.

JANAÍNA – São nossas ações que nos definem.

LÍBERA – Por isso eu não aceito mais ser tratada como uma princesinha, uma boneca de porcelana.

JANAÍNA – O mundo pode ser muito cruel.

LÍBERA – Pelo menos no mundo a gente pode escolher quem a gente quer ser. Nem esse

direito eu tive.

JANAÍNA – Mas você é herdeira de todo esse reino. Vamos lá fora pra você ver...

LÍBERA – Ver o quê? O que eu vou ver de diferente lá?

JANAÍNA – Então vamos ler um livro?

LÍBERA – Eu já li os livros dessa biblioteca no mínimo umas duas vezes cada um.

JANAÍNA – Mas cada vez que a gente lê um livro é como se a gente conhecesse um mundo diferente, cheio de possibilidades.

LÍBERA – Que mundo é esse que eu não conheço?

JANAÍNA – Como não? Taí nos livros.

LÍBERA – Mas não é a mesma coisa. Eu queria ver esses mundos de verdade, queria poder sair dessa ilha e poder sentir as coisas.

JANAÍNA – Mas a gente pode conhecer tudo por aqui, cada livro é uma história diferente.

LÍBERA – E o que eu vejo? Histórias de lugares que existem e eu nunca vi. Eu tô cansada de assistir histórias, eu quero vivê-las. Eu quero construir a minha história.

JANAÍNA – A vida não é assim. Lá fora é tudo diferente.

LÍBERA – Era isso que eu queria pra mim.

JANAÍNA – Olha só, vai lendo um livro aí que eu vou pegar um suco pra você. Maracujá é bom para acalmar. (SAI)

LÍBERA – Porquê é tão difícil mudar o nosso próprio destino?

JOSEPH ENTRA PELO FUNDO FALANDO E LÍBERA O OBSERVA.

JOSEPH – Nós não podemos aceitar isso. É um absurdo. O Rei não pode decidir sozinho o que iremos ou não pagar, eu quero ter o direito de decidir meu futuro.

POVO (OFF) – Cala a boca! Fica quieto!

JOSEPH – É por isso que ele continua fazendo as coisas desse jeito. Nós temos que nos unir, a classe pobre e os imprensados do meio. Os ricos nunca vão nos ouvir, mas se estivermos juntos poderemos reclamar nossos direitos.

POVO (OFF) – Vai trabalhar!

LÍBERA – Ei, você, eu quero falar com você.

JOSEPH – Comigo?

LÍBERA – É, vem cá, eu concordo com você.

JOSEPH (VAI PARA FRENTE) – Sério? Mas como pode?

LÍBERA – Eu sou Líbera.

JOSEPH – Eu sei.

LÍBERA – Você me conhece?

JOSEPH – Claro, você é a princesa. Eu sempre te olho daqui, quer dizer, dá pra ver o castelo daqui e você tá nele, por isso que eu olho.

LÍBERA – Presta atenção, eu concordo com você. Meu pai não pode fazer isso com as pessoas. É um abuso de poder.

JOSEPH – E você é contra ele?

LÍBERA – Claro!

JOSEPH – Você é ainda mais incrível do que eu imaginava.

LÍBERA – Obrigada.

JOSEPH – E seu pai não vai fazer nada?

LÍBERA – Ele não me leva a sério, acha que as coisas que eu penso não passam de brincadeiras.

JOSEPH – No fundo somos todos figuras de brinquedo, só que vivas.

PAUSA. OS DOIS OUVEM UM BARULHO.

JOSEPH – É melhor eu ir embora, se alguém me pega aqui eu tô morto. (SAI)

JANAÍNA (ENTRA) – Líbera, o que aquele rapaz estava fazendo aqui?

LÍBERA – Você conhece ele?

JANAÍNA – É o pescador da ilha. Ele que traz nossas mercadorias, pesca nossos peixes.

LÍBERA – O barco da ilha é dele?

JANAÍNA – É, por quê?

LÍBERA – Ele pode sair da ilha a hora que quiser. E pode me levar com ele.

JANAÍNA – Você tá ficando doida? Que ideia mais maluca.

LÍBERA – Pensa bem, a gente pode deixar isso tudo pra trás e fugir.

JANAÍNA – A gente é muita gente. Me deixa fora disso.

LÍBERA – Você não tem vontade de sumir daqui, de nunca mais ver meu pai.

JANAÍNA – Claro que eu tenho, mas eu não posso.

LÍBERA – Como assim? O que ele tem que te prende aqui.

JANAÍNA – Eu não quero falar disso. Por favor.

LÍBERA – Não, o que ele tem contra você que é tão importante assim.

JANAÍNA – Você não ia entender.

LÍBERA – Me deixa de ajudar?

JANAÍNA – Ninguém pode me ajudar agora. E chega dessa conversa.

LÍBERA – Pois eu que não vou ficar presa aqui pra sempre.

JANAÍNA – Porque você quer fugir daqui?

LÍBERA – Como por quê? Eu não aguento mais ver meu pai cada vez mais arrogante. O que ele faz com essas pessoas é desumano. As pessoas não têm direitos. Isso aqui é uma grande prisão.

JANAÍNA – O seu pai é até carinhoso com você.

LÍBERA – Carinhoso? Ele é um ignorante, que fica jogando na minha cara que minha mãe morreu por minha causa.

JANAÍNA – Mas não foi assim!

LÍBERA – Como eu vou saber? Eu que nem conheci ela. Ela morreu quando eu nasci.

JANAÍNA – Eu sei. Mas você não tem culpa de nada.

LÍBERA – Pode ser, mas ele não vê assim. E eu não aguento mais viver desse jeito.

JANAÍNA – Você vai acabar com sua vida.

LÍBERA – Que acabar? Minha vida começa agora. (AMEAÇA SAIR)

JANAÍNA – Você não vai levar seu livro pelo menos?

LÍBERA – Pra quê? Agora eu vou viver tudo isso que tá escrito aí. (SAI)

JANAÍNA – Essa menina vai arrumar confusão.

REI (ENTRA) – Cadê minha filha?

JANAÍNA – Ela foi até o jardim, pegar um pouco de sol.

REI – Eu quero falar com ela, mande me procurar.

JANAÍNA – O senhor não deveria brigar tanto com ela.

REI – Quem te perguntou alguma coisa?

JANAÍNA – Eu só acho que vocês poderiam se entender.

REI – Desde quando eu te dei liberdade para falar como devo tratar minha filha?

JANAÍNA – Desde que me obrigou a cuidar dela. Ela já virou uma mulher e você ainda a trata como se fosse criança.

REI – Eu dou proteção a ela, é bem diferente.

JANAÍNA – Ela vive como uma prisioneira aqui. Não pode nem ir às ruas sozinha.

REI – Eu dou liberdade a ela para isso.

JANAÍNA – Liberdade? Isso lá é liberdade.

REI – Insolente, eu não te perguntei nada. Vai caçar o que fazer.

JANAÍNA – O senhor vai me ouvir!

REI – Não, não vou te ouvir!

JANAÍNA – Eu cansei de ver tudo calada. O senhor a trata como se fosse uma marionete. Ele tem desejos, sonhos.

REI – Que eu realizarei se for do meu interesse.

JANAÍNA – Eu não vou deixar que o senhor faça isso com ela.

REI – Você já esqueceu o que eu posso fazer?! Seu filhinho querido ainda está vivo e só eu sei onde ele está.

JANAÍNA – Canalha! Você não tem esse direito.

REI – Isso quem decide é o Rei. E o Rei sou eu!

JANAÍNA – Você roubou ele de mim.

REI – Mas dei uma vida a ele. Enquanto você me obedecer pelo menos isso ele vai ter. Agora sai daqui antes que eu mande te dar umas chicotadas para você deixar de ser abusada.

OS DOIS SAEM. LÍBERA QUE OUVIU TUDO APARECE.

LÍBERA – Então é isso. Ela tem um filho. Eu tenho que fazer alguma coisa.

JOSEPH (AO FUNDO) – Ei! Eu posso falar com você?

LÍBERA – Claro. Pode vir, não tem ninguém aqui.

JOSEPH – Você mandou me chamar?

LÍBERA – Foi. Eu quero que você me leve daqui no seu barco.

JOSEPH – O quê?

LÍBERA – É isso mesmo. Eu quero fugir e só você tem como sair da ilha.

JOSEPH – Mas pra onde?

LÍBERA – O universo está fervilhando de vida. Eu quero ir pra um lugar onde eu possa viver. As galáxias são como ilhas solitárias, sem nenhuma ligação entre si. Eu quero achar uma galáxia, uma ilha, bem longe daqui.

JOSEPH – Você sabia que podemos descobrir uma ilha cheia de mistérios, habitada por seres inteligentes que andam sobre duas pernas e vêem o mundo com lentes vivas?

LÍBERA – Como?

JOSEPH – É, e essa ilha é unida por uma complicada rede de ruas, onde esses sujeitos inteligentes andam por máquinas coloridas.

LÍBERA – É mesmo?

JOSEPH – Sim! E os misteriosos habitantes dessa ilha já construíram casas enormes, algumas com mais de cem andares. E que embaixo dessas casas escavaram longos túneis por onde máquinas elétricas correm sobre trilhos.

LÍBERA – Você tem certeza disso?

JOSEPH – Tenho.

LÍBERA – Mas como eu nunca ouvi falar dessa ilha?

JOSEPH – Porque ninguém ainda a encontrou, mas é uma questão de tempo.

LÍBERA – As pessoas ficariam malucas se encontrássemos uma ilha assim. E como se descobre uma ilha?

JOSEPH – Através das estrelas. Elas que nos guiam no mar.

LÍBERA – Quando você aprendeu a olhar as estrelas?

JOSEPH – Todos nascemos sabendo fazer isso, com o tempo a gente se deixa esquecer.

LÍBERA – Você deveria trabalhar pro governo como filósofo.

JOSEPH – Filósofo é aquele que ama a sabedoria. Eu estou longe disso.

LÍBERA – E o que você ama?

JOSEPH A OLHA SÉRIO EM SILÊNCIO.

JOSEPH – A vida!

LÍBERA – E o que você seria então?

JOSEPH – Um curioso.

LÍBERA – Acho que eu também. Adoro descobrir coisas novas. É por isso que me cansei dos livros. Está na hora de conhecer o mundo de verdade.

JOSEPH – Você quer mesmo ir?

LÍBERA – Quero! Agora mais do que nunca.

REI (ENTRA) – O que é isso? O que você está fazendo aqui com minha filha?

JOSEPH – Nada, eu só...

REI – Guardas! Prendam esse homem.

JOSEPH SAI CORRENDO. OUVIMOS SEUS GRITOS.

JOSEPH (OFF) – Me larguem! Eu não fiz nada!

LÍBERA – Solta ele, a gente só estava aqui conversando.

Rei – Sua sem vergonha. Sozinha com um homem no meu palácio.

LÍBERA – Mas não foi nada.

Rei – Você tenta me envergonhar, mas depois da surra dele, você vai ter o seu castigo.

LÍBERA – Por favor, não faz nada com ele.

O REI LHE DÁ UM TAPA. JANAÍNA ENTRA.

JANAÍNA – Mas o que está acontecendo aqui?

REI – Essa infeliz tentou me humilhar, mas isso não fica assim.

LÍBERA – Não deixa ele fazer nada.

JANAÍNA – Meu senhor, espera, é melhor conversarmos.

REI – O que uma mulher como você tem para falar comigo. Fique quieta senão apanha também. (SAI)

LÍBERA – Porque ele é assim?

JANAÍNA – Aprende a aceitar o que a vida te oferece. (A ABRANÇA)

LÍBERA – Vamos embora daqui.

JANAÍNA – Eu prefiro aceitar a raiva do Rei, do que a incerteza do mundo.

JOSEPH (OFF) – Ah... não, por favor... Para...

LÍBERA TAMPA OS OUVIDOS. JANAÍNA FAZ UM CARINHO NA CABEÇA DELA.

LÍBERA – Eu não posso aceitar isso assim. (LEVANTA)

JANAÍNA – Aonde você vai?

LÍBERA – Vou dar um jeito pra gente ir embora daqui.

JANAÍNA – Ai meu Deus, e agora?

AS DUAS SAEM. O REI APARECE NO ALTO DA TORRE.

REI – Que todos saibam que nosso reino foi obrigado a se defender de calúnias e imoralidades. Não sou a favor da força bruta como um meio para manter a ordem, mas como um fim para ajustar a lei e a moral. Eu me sensibilizo com todos os cidadãos de nosso reino. Não sou como vocês, sou uma carta fora desse baralho, uma figura diferente das demais. Não sou de paus, nem de copas, nem de ouro ou espadas. Sou um rei à parte, uma carta sem relação com as outras, mas capaz de entendê-los e saber o que é melhor para todos vocês. É por isso que venho anunciar um novo imposto. Imposto sobre a diversão. Todo aquele que quiser se divertir, deve lembrar do próximo e doar ao reino o referente a 30 por cento do que for gastar com seu divertimento. Seja ele de ordem artística, esportiva ou amorosa. E mais uma vez, dou ao meu povo o que o povo gostaria de dar a mim.

POVO (OFF) – Viva o Rei!

LÍBERA ENTRA SEGURANDO UMA VELA E UM PERGAMINHO E ENCONTRA COM JOSEPH.

LÍBERA – Eu sinto muito.

JOSEPH – Você não é culpada de nada.

LÍBERA – E agora, o que você vai fazer?

JOSEPH – Todas as pessoas têm o direito de ir atrás dos seus sonhos. Mesmo que ele seja tão incerto. (PAUSA) Eu vou te levar pra onde você desejar.

ELES SE ABRAÇAM.

LÍBERA – Eu quero ser livre!

JOSEPH – A liberdade a gente conquista.

LÍBERA – Pode ser. E é por isso que eu quero ir atrás da minha.

JANAÍNA (ENTRA) – O que vocês dois estão fazendo aqui?

LÍBERA – Eu quero te apresentar o Joseph.

JANAÍNA – Eu sei quem ele é.

LÍBERA – Não. Você sabe o que te deixaram saber. Esse é seu filho.

JANAÍNA/JOSEPH – O quê?

LÍBERA (MOSTRA O PERGAMINHO) – Eu achei isso no quarto do meu pai. Aqui explica que meu pai pegou o seu filho e deu ao antigo pescador para levá-lo da ilha, mas era uma época com muitas chuvas e o pescador não conseguiu sair ao mar e o manteve aqui como seu filho.

JOSEPH – Que história maluca é essa?

LÍBERA – Confia em mim. Depois de um tempo o Rei aceitou que você vivesse aqui, pois seria mais fácil tê-lo sob controle. Quando o pescador morreu você herdou tudo que era dele, inclusive sua função aqui no reino.

JANAÍNA – Meu filho? Como isso é possível? Eu imaginando em que lugar do mundo você estaria e... aqui, bem perto de mim. (PAUSA) Posso te dar um abraço?

ELES SE ABRAÇAM.

LÍBERA – Meu pai vem aí. Vá preparar o barco, nós te encontramos depois.

JOSEPH SAI E O REI ENTRA.

REI – Aqui está você. Eu já dei um jeito naquele infeliz, agora é com você.

LÍBERA – Eu não tenho mais medo de você.

REI – Você é minha filha, tem o dever de me obedecer.

LÍBERA – Nós podemos ter o mesmo sangue, mas estamos infinitamente longe um do outro.

REI – Eu vou te prender nas torres e só vai sair de lá quando eu decidir.

JANAÍNA – Ela não vai a lugar nenhum com você.

REI – Não me enche a paciência sua inútil.

JANAÍNA – Chega! Eu já te aturei demais.

JANAÍNA VAI PARA CIMA DO REI E DERRUBA A COROA.

REI – Sua louca! Você me paga.

JANAÍNA – Não, está na hora de você pagar pelo que me fez. (PEGA O PERGAMINHO)

Eu já sei de tudo, meu filho virou um homem lindo, independente do que você fez a ele.

Agora ele e Líbera vão embora e vão te deixar aqui, sozinho.

REI – Minha filha? Longe de mim? Nunca!

JANAÍNA – Vai Líbera. Vai escrever a sua história.

LÍBERA – Vem com a gente.

JANAÍNA – Não. Meu destino eu vou terminar de escrever é hoje.

LÍBERA SAI.

REI – Não, minha filha tem que ficar comigo.

JANAÍNA – Esse vai ser seu castigo. Viver separado do monte, como uma carta imprestável que ninguém sente falta.

REI – Ninguém pode separá-la de mim. Ela é meu grande tesouro.

JANAÍNA – Um tesouro que você nunca possuiu. Agora ela é do mundo. Quando você olhar para o céu vai ver as mesmas estrelas que ela, mas ela vai estar bem longe de você.

REI – Isso nunca!

O REI SAI CORRENDO E JANAÍNA VAI ATRÁS. ELES BRIGAM. OUVIMOS OS BARULHOS, PANCADAS, VIDROS QUEBRANDO. LUZ APAGA. ACENDE NO PROSCÊNIO, VEMOS UM BARCO COM JOSEPH E LÍBERA.

JOSEPH – Finalmente o mar. Já posso sentir o cheiro das algas e da vida.

LÍBERA – Eu quero sentir isso pra sempre.

JOSEPH – Olha que coisa maravilhosa. Existem cerca de 5 bilhões de pessoas neste mundo, mas a gente acaba se apaixonando por uma determinada pessoa e não quer trocar por nenhuma outra.

LÍBERA – Que bom saber disso.

JOSEPH – Está preparada para a realidade que mundo tem a te mostrar?

LÍBERA – Como você disse, somos todos figuras de brinquedo, só que vivas. Tá na minha hora de brincar!

LUZ APAGA.



2

MANUAL DE FINAIS FELIZES

LORENA COLLI E MAYA DORİETTO

MANUAL DE FINAIS FELIZES

LORENA COLLI E MAYA DORIETTO

CENA 1 – ALICE ESTÁ SENTADA NO CHÃO DO QUARTO, LENDO UM LIVRO DE CONTOS DE FADAS.

ALICE – ... e foram felizes para sempre.

ALICE FECHA O LIVRO, BALANÇA OS PEZINHOS E SUSPIRA.

ALICE – Aaai, como deve ser incrível ser uma princesa! Todos te admirando, nada pra se preocupar além de ser linda e majestosa todos os dias. Fora ser rica, né, e casar com aquele príncipe maravilhoso, muito bonito e gost...

A MÃE ABRE A PORTA COM PRESSA E ENTRA EM CENA GRITANDO.

MÃE – Alice, já tá pronta pra aula? Que que você tá fazendo no chão uma hora dessas, menina? Levanta e desce logo que seu pai já está te esperando na porta.

ALICE – Eu me distraí.

MÃE – Você é muito avoada, se distraiu com o quê?

ALICE – Estava no meu mundo, onde as pessoas podem viver seus sonhos e ter finais felizes.

MÃE – Acho bom voltar rapidinho para esse mundo, porque se atrasar mais uma vez, você vai ter problemas.

ALICE – Ninguém me entende mesmo.

ALICE LEVANTA NA PRESSA, AFOBADA, PEGA A MOCHILA E SAI CORRENDO

DO QUARTO. SUA MÃE SAI ATRÁS.

CENA 2 – ALICE CHEGA UM POUCO ESBAFORIDA PELOS CORREDORES DA ESCOLA, E ENCONTRA SUA MELHOR AMIGA, ISA.

ISA – Bom dia, bela adormecida! (ALICE REVIRA OS OLHOS) Fiquei acordada até tarde ontem decorando a minha fala pra apresentação de hoje. Tô preparadíssima.

ALICE – Apresentação? (SUSPIRA) Nossa, eu esqueci completamente. (COLOCA A MÃO NO ROSTO, FAZENDO SINAL DE DECEPÇÃO COM A CABEÇA) Hoje de manhã, minha mãe encheu meu saco e tive que vir correndo.

ISA – É, percebi. Essa pantufa aí é trend nova do tiktok?

ISA APONTA PARA OS PÉS DE ALICE, QUE CALÇA PANTUFAS DE BICHINHO. ALICE OLHA PARA BAIXO E DÁ UM TAPINHA NA TESTA.

ALICE – (FALA EMBOLADA) Ai, meu deus do céu. Onde que eu vou me enfiar, Isa? Não tenho o que fazer. Me dá seu sapato.

ISA – Tá doida? E aí eu que vou passar vergonha?

ALICE COMEÇA A FICAR INQUIETA, COM CARA DE QUEM VAI COMEÇAR A CHORAR.

ALICE – Tô ferrada, que ridículo.

ISA – Ei, olha pra mim. Respira fundo, vai dar tudo certo. Talvez ninguém note.

LAVÍNIA ENTRA JOGANDO O CABELO.

LAVÍNIA – Ah, não gente, olha só quem chegou atrasada. A princesinha e a pulga da deep web. (PAUSA) Hoje é um episódio especial de cosplay de Zootopia? Ou só de Backyardigans mesmo?

ISA – Na verdade, a gente tinha pensado em vir de Bela e a Fera, (PAUSA DRAMÁTICA) mas parece que você já tinha pegado uma das fantasias.

ALICE E ISA SE AFASTAM E ESBARRAM EM FELIPE.

FELIPE – Eu gostei das suas pantufas.

ALICE – Haha, já entendi, é muito engraçado.

FELIPE – Tô falando sério. Não vim com as minhas do Homem-Aranha porque estavam lavando. (SORRIEM)

ISA – Vai amiga, é a sua vez de apresentar. Tá preparada?

ALICE COMEÇA A RESPIRAR DE FORMA OFEGANTE, SENTIR FALTA DE AR E PALPITAÇÕES. O MUNDO PARECE ESTAR EM CÂMERA LENTA, ENQUANTO ELA ESTÁ A MIL. NÃO CONSEGUE OUVIR NEM VER NADA AO SEU REDOR. DEPOIS DE CERTO TEMPO, ELA LEVANTA, SAI CORRENDO E ESBARRA EM FELIPE.

ISA – Alice!

FELIPE – Opa! (ELE PERCEBE QUE ELA ESTÁ CHORANDO) Ei, ei, ei. Respira fundo. Faz que nem eu. (ELE SEGURA NAS MÃOS DELA, RESPIRAM FUNDO E DEVGAR). Tá ajudando?

ALICE BALANÇAA CABEÇA DIZENDO QUE NÃO.

FELIPE – Tá, vamos tentar isso então. Me diz 5 coisas que você consegue ver.

ALICE – Ahn, o chão, a porta, minha blusa cheia de lágrima, a parede... e você.

FELIPE – Agora, 4 coisas que você pode tocar.

ALICE – Minhas mãos, minha blusa, meu colar e as suas mãos.

FELIPE – Beleza. 3 coisas que você pode ouvir.

ALICE – Sua voz. O barulho do corredor. E, sei lá, a minha voz.

FELIPE – Ótimo. E 2 coisas que você pode cheirar.

ALICE (RI) – Cheirar? Seu perfume (CORADA)... e a comida da cantina.

FELIPE – Ainda bem que eu sou cheiroso (RI). Só mais 1 coisa que você consegue sentir o gosto.

FELIPE E ALICE SE ENCARAM, COMO SE FOSSEM SE BEIJAR.

ALICE – Ah, Felipe, não sei!

FELIPE (SORRI) – Tudo bem, tudo bem. O importante é que você acalmou, não é verdade?

ALICE PERCEBE QUE A SUA RESPIRAÇÃO VOLTOU AO NORMAL E NÃO ESTÁ MAIS ANSIOSA.

ALICE – É, parece que sim. Muito obrigada por me ajudar.

FELIPE – Vem, vamos beber uma água. (SAEM)

CENA 3 – ALICE ENTRA EM CASA, DEIXANDO A MOCHILA NO CHÃO.

MÃE – Alice! Olha a folga garota. Leva essa mochila pro quarto e desce logo pra almoçar. (SAI)

ALICE (DEBOCHADA) – Boa tarde pra você também, mãe. Tô cansada de viver assim.... não consigo suportar isso, por mais que me esforce muito, eu não sou perfeita.

ALICE PEGA A MOCHILA DO CHÃO E O LIVRO CAI. ELA SENTA COM ELE NA MÃO.

ALICE – Bem que minha vida podia ser como nos contos de fadas. Mesmo com problemas durante a história, sempre tem um final feliz. A única coisa que tenho em comum são os problemas, mas nunca serão resolvidos por magia ou amor verdadeiro.

ALICE ABRE O LIVRO.

ALICE – Eu faria qualquer coisa pra viver dentro dessas histórias e poder ter o meu final feliz também. Eu me sinto como uma personagem secundária na minha própria vida, mesmo que me esforce tanto pra ser a melhor em qualquer coisa, e mesmo assim não consigo ser quem desejo ser. Se eu fosse como os protagonistas que tanto gosto, as coisas seriam tão melhores. Viver uma vida perfeita... é tudo o que eu peço.

ALICE OUVI UM BARULHO.

ALICE – Quem está aí?

AS LUZES COMEÇAM A PISCAR E SE APAGAM. UMA LUZ SAI DE DENTRO DO LIVRO. ALICE LEVANTA ASSUSTADA. AS LUZES SE ACENDEM.

ALICE – Nossa, onde é que eu...

FADA – Seja bem-vinda.

ALICE – Quem é você?

FADA – Apenas sua companhia nessa pequena aventura. E você?

ALICE – Eu?

FADA – Não sabes quem é?

ALICE – Sei, meu nome é Alice?

FADA – Mas quem é você Alice? A menina das pétalas de jardim, que tem medo de se mostrar? A moça que se cala, para nenhum cristal quebrar? É de porcelana ou de papel? Não és uma fada, mas se acreditar, pode chega até o céu.

UM HOMEM, APOIADO NAS MÃOS E NOS PÉS, PASSA CORRENDO POR ALICE.
A FADA SE AFASTA.

BELA (CORRENDO ATRÁS DELE) – Volta aqui! Para de correr! É por isso que eu ainda te chamo de feraaaa...

ALICE – Ei.

BELA – Oi querida, ainda bem que você está aqui.

ALICE – Você me conhece?

BELA – Claro, estava te esperando há tempos. Só você pode me ajudar.

ALICE – Mas o que eu posso fazer.

BELA – Me escutar e falar com ele. Tem dias que eu não queria ter quebrado aquele feitiço.

ALICE – Calma, você precisa respirar (PEGA NAS MÃOS DELA) Me fala 5 coisas que você consegue ver.

BELA – Você, o céu, as nuvens, o castelo e... Adam!

FERA/ADAM ENTRA.

FERA – Boa tarde, o que as belas senhoritas estão conversando?

ALICE – Boa tarde.

BELA – Não vem com papinho agora não.

FERA – Mas meu amor.

BELA – Nada de meu amor. Você acredita que ele comeu todos os bombons de morango e saiu correndo pra eu não pegar o último.

FERA – Eu adoro bombons de morango.

BELA – Eu também.

FERA – E fui eu quem comprei.

BELA – Mas era nosso. (RESPIRA) Não é possível. E o pior, tem dia que ele...

A FERA UIVA. AS DUAS OLHAM PARA ELE.

BELA – Olha isso, será que ele acha que é um lobisomem?

ALICE – Vocês estão muito nervosos.

BELA – Ele é muito egoísta, sempre foi.

FERA – E ela tá muito chata.

ALICE – Olha só, vocês precisam se ouvir, respeitar o espaço um do outro.

FERA – Ela reclama de tudo que eu faço.

BELA – Ele que não faz nada direito.

ALICE – A história de vocês é linda, será que vocês esqueceram? O que te fez gostar dela?

FERA – Ah, sua gentileza, inteligência, beleza...

ALICE – E você, o que enxergou por trás daquela boa de pelos?

FERA – Ei!

BELA – Que na verdade ele era uma pessoa bondosa, carinhosa...

ALICE – Vocês enfrentaram um feitiço daqueles e não conseguem vencer o dia a dia?

BELA – Acho que o feitiço foi mais fácil (SORRI).

FERA – Mas nem sempre o mais fácil, é o que vai nos deixar mais felizes.

ALICE – Vocês precisam se lembrar mais vezes porque escolheram ficar juntos. E aprender a demonstrar esse sentimento. Já ouviram falar de empatia? Que tal se a exercitassem um pouco mais?

FERA – Eu acho que consigo.

BELA – Eu quero conseguir.

ALICE – Esse já é o primeiro passo.

ELE UIVA NOVAMENTE.

ALICE – Tem coisas que não tem jeito.

BELA – Até que eu gosto (ELA PULA EM CIMA DELE E SAEM CORRENDO).

ALICE – O que foi isso?

FADA (SE APROXIMA) – Isso é você mostrando que o impossível só é possível em quem acredita nele.

ALICE – Mas eu nem sei se acredito que isto está acontecendo.

FADA – Algumas vezes eu acredito em 6 coisas impossíveis antes de tomar café.

ALICE – Eu quero ir embora.

FADA – Ainda é cedo, não se preocupe, tem mais alguém que você precisa conhecer.

CINDERELA ENTRA COM A MOANA ATRÁS DELA.

CINDERELA – Estou tão cansada.

ALICE – Eu posso te ajudar?

CINDERELA – Acho que ninguém pode. Eu trabalho o dia inteiro, arrumando a casa, lavando a louça, não aguento mais. Só queria um príncipe encantando pra me salvar.

MOANA – Esse é o seu problema. Já te falei mil vezes. Você não precisa de ninguém pra salvá-la, você é mais forte que pensa.

CINDERELA – Mas um belo príncipe, rico, bonito... seria um sonho.

MOANA – Prefiro um belo sonho fofinho, com recheio de baunilha.

CINDERELA – Eu to falando sério. Eu preciso me arrumar para agradar ao príncipe, não posso vestir isso.

MOANA – Você não pode viver preocupada em agradar os outros. A escolha tem que ser sua. Se você quer um príncipe em sua vida, tudo bem, mas não deixe de ser quem você é por causa disso.

CINDERELA – Eu preciso achar o whatsapp da fada madrinha ou passar na Riachuelo, com esse vestido não dá (SAI).

MOANA – Ela não aprende. E você, já sabe pra onde quer ir?

ALICE – Ainda não sei bem.

MOANA – Pode parecer clichê, mas se você não sabe onde quer ir, qualquer caminho serve.

ALICE – Acho que é mais do que onde chegar, e sim, como eu quero percorrer esse caminho.

MOANA – Fique atenta as pessoas ao seu redor, saiba escolher quem é realmente importante e quem, simplesmente, não importa.

ALICE – Obrigada.

MOANA – Quando uma de nós consegue, todas as outras vão juntas. (SAI)

FADA (ENTRA) – Você já não é mais a mesma pessoa que era ontem.

ALICE – E o que isso significa?

FADA – Quando você voltar, já será outra pessoa, porque o ontem passou.

ALICE – E quem será essa nova pessoa?

FADA – Só você pode decidir.

A RAINHA DE COPAS ENTRA AGITADA.

RAINHA DE COPAS (GRITA) – Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe a cabeça!

ALICE – Olá majestade.

RAINHA DE COPAS – Quem te autorizou a falar comigo?

ALICE – Foi você quem se referiu a mim primeiro.

RAINHA DE COPAS – Você? Olha como fala comigo, eu sou uma rainha, quer dizer, uma não, eu sou a Rainha de Copas.

ALICE – Olha majestade (PAUSA) Majestade não, enquanto você não me tratar com respeito, não venha exigir o mesmo de mim.

RAINHA DE COPAS – Insolente! Cortem-lhe a cabeça! (OLHA PELO PALCO) Guardas, onde estão meus guardas?

ALICE – Ninguém te acompanha, porque você não conseguiu cativar ninguém. Aprenda a tratar os outros com respeito e assim poderá ter isso em troca.

RAINHA DE COPAS (PUXA UMA ESPADA) – Eu não preciso de ninguém, vou cortar sua cabeça eu mesma.

ALICE SE AFASTA E CAI NO CHÃO.

FADA – Está na hora de você acordar. Não tenha medo do que você pode fazer. Foi um prazer te acompanhar.

AS LUZES APAGAM. A FADA E A RAINHA DE COPAS SAEM DE CENA. ALICE ACORDA COM O LIVRO NA MÃO. SE LEVANTA. A MÃE DELA ENTRA.

MÃE – Você ainda está aí, eu não já falei...

ALICE – Calma, será que nós podemos conversar?

MÃE – O quê?

ALICE – Você é minha mãe e sempre está comigo, sempre preocupada, no olhar atento, no abraço, mas você precisa entender que eu não sou mais a mesma de ontem, a mesma menina que você precisava ver se escovou os dentes, se fez o dever de casa... eu cresci e quero ter você do meu lado, não em cima de mim. Podemos conversar?

MÃE – Claro que podemos Alice.

AS DUAS DÃO AS MÃOS E SAEM. A LUZ APAGA.



E

ENSAIO SOBRE A DEPRESSÃO

GUILHERME AVANZA

ENSAIO SOBRE A DEPRESSÃO

GUILHERME AVANZA

PESSOA ENTRA EM CENA COM PRESSA PELO LADO DIREITO DO PALCO. LOGO EM SEGUIDA, DEPRESSÃO ENTRA NO MESMO RITMO PELO LADO DIREITO.

DEPRESSÃO – Ei! Aonde você vai?

PESSOA – A qualquer lugar! Só não aguento mais ficar sozinho aqui com você.

DEPRESSÃO – Tem certeza disso? Sua cama estava tão confortável... aquela série tão interessante...

PESSOA – Nem prestar atenção eu estava conseguindo, você não parava de falar!

DEPRESSÃO – Me desculpa, eu só estava checando se você estava preparado para tudo que pudesse acontecer.

PESSOA – E me fez desistir de tudo que eu queria fazer!

DEPRESSÃO – Às vezes era o melhor para você!

PESSOA – Mas agora que eu não quero mais nada... o que eu faço?

DEPRESSÃO – Olha, podemos voltar para cama, fechar as cortinas, colocar qualquer coisa na televisão e esperamos alguma coisa acontecer.

PESSOA – E se nada acontecer?

DEPRESSÃO – A gente continua deitado até acontecer! Hora ou outra alguma coisa deve vir até nós.

PESSOA – Você só pode estar esquecendo que, hora ou outra, eu tenho que ir trabalhar...

DEPRESSÃO – Fazer tudo aquilo por quase nada?!

PESSOA – Comer alguma coisa...

DEPRESSÃO – Mas nem tem nada gostoso por aqui...

PESSOA – Pagar minhas contas...

DEPRESSÃO – Nessa economia?!

PESSOA – Eventualmente ter um filho...

DEPRESSÃO – Só pode estar brincando, e se você for igual seus pais?!

PESSOA – Pelo menos encontrar amor!

DEPRESSÃO – Você só pode estar esquecendo das últimas 3 vezes que você se abriu para alguém! Não aprendemos a lição? Nunca seremos o suficiente! Nem para nós mesmos, nem para ninguém.

PESSOA SE SENTA NO CHÃO E SE ENCOLHE.

PESSOA – Eu... só queria me livrar de você...

DEPRESSÃO SE SENTA AO LADO DE PESSOA E VAI, LENTAMENTE SE APROXIMANDO E SE APOIANDO NELA.

DEPRESSÃO – Você nunca vai se livrar de mim. Eu irei infestar a sua mente, enrolar meus braços nos seus pensamentos, preencher seu interior e te drenar.

PESSOA – Acho que de certa forma é confortável...

DEPRESSÃO – Tá vendo?

PESSOA – Pelo menos é familiar...

DEPRESSÃO – Não tem por que se arriscar...

PESSOA – Mas se eu não viver meus momentos... do que vale viver?

DEPRESSÃO – Às vezes não vale...

PESSOA – Eu já me senti muito bem outras vezes, eu quero tanto lembrar de como foi.

DEPRESSÃO – E perder o controle de tudo que te pode acontecer?

PESSOA – Pode ser um pouco assustador, mas as melhores coisas que já me aconteceram não foram planejadas por inteiro, muito pelo contrário.

DEPRESSÃO – Como assim?

PESSOA – Pois é, meus melhores momentos foram resultados de como eu lidei com um imprevisto... às vezes imprevistos podem ser coisas boas também...

PESSOA SE LEVANTA, DEIXANDO A DEPRESSÃO DESEQUILIBRADA.

PESSOA – Melhor eu ir.

DEPRESSÃO – Ei! Aonde você vai?

PESSOA – Ainda não sei direito, mas estou animado para ver o caminho.

DEPRESSÃO – E eu?

PESSOA – Você? Você não passa de um momento...

PESSOA DEIXA A CENA PELO LADO DIREITO, ENQUANTO A DEPRESSÃO FICA SEM SABER O QUE FAZER, ELA OLHA PARA OS LADOS E DEIXA A CENA PELO LADO ESQUERDO. LUZ APAGA.

4

DECISÃO FINAL

**ANA CLARA BOURGUIGNON E
ESTER TAVARES DE AZEVEDO PEREIRA**

DECISÃO FINAL

**ANA CLARA BOURGUIGNON E ESTER TAVARES DE
AZEVEDO PEREIRA**

Mundos dos finais sejam eles bons ou ruins. Biblioteca com diversas estantes, mesas para leitura, poltronas e escadas para alcançar os livros das prateleiras mais altas. Só existe uma saída à esquerda que dá para o corredor do palacete onde tais divindades residem. Nessa dimensão nunca é dia, tarde ou noite.

ÍTALO E DÉBORA ENTRAM EM CENA DISCUTINDO ACALORADAMENTE.

DÉBORA – É impressionante que depois de milhares de anos você ainda não aceitou.

ÍTALO – O impressionante é a sua mente continuar fechada mesmo depois de tanto tempo.

DÉBORA – Eu não tenho uma mente fechada! Você que é aberto demais, inconsequente e faz tudo o que quer!

ÍTALO – E daí? Meus finais são muito mais divertidos que os seus. Do que adianta pensar tanto no futuro enquanto o presente é jogado no lixo?

DÉBORA – Você não tem mesmo nenhum senso de responsabilidade. É impossível alcançar um final feliz sem pagar o preço. É por isso que você é o final triste, está no seu sangue.

ÍTALO – Eu pareço triste pra você? Pelo contrário, quem tá toda acabada não sou eu.

DÉBORA – Pois deveria. Quando chegar a hora de acertar as contas, você vai ter que lidar com as consequências de ser um irresponsável que não liga para nada. Eu posso estar acabada, mas no final você verá que quem ri por último ri melhor.

ÍTALO – E por que não vemos isso agora?

DÉBORA – Como assim?

ÍTALO – E se fizéssemos uma aposta?

DÉBORA – O que você sugere?

ÍTALO – Invocaremos uma mortal para que ela decida de forma justa qual de nós, o final triste ou o feliz, é o melhor. Dessa forma resolveremos essa questão e você terá que engolir

esse seu orgulho quando ela me escolher.

DÉBORA – Que seja então! E não cante vitória antes da hora, querido.

OS DOIS SE APROXIMAM EM SILÊNCIO, DÃO AS MÃOS, RESPIRAM FUNDO E CRITAM. O GRITO SAI O MAIS TOSCO POSSÍVEL. SOPHIA ENTRA EM CENA DESESPERADA E PREOCUPADA QUERENDO SABER A ORIGEM DO GRITO.

SOPHIA – Ai, o que é isso? Tá tudo bem? Quem são vocês? Meu Deus, onde é que eu estou???

ÍTALO – (PARA DÉBORA) Esses mortais são tão desesperados. (REVIRA OS OLHOS)

DÉBORA – (para Sophia) Olá, Sophia. Meu nome é Débora, e eu sou o final feliz. Esse estrupício aqui é o Ítalo, o final triste. (ÍTALO PISCA PARA SOPHIA)

SOPHIA – Quê? Como assim final triste? Como você sabe meu nome?

ÍTALO – Ah, querida, a gente sabe de muita coisa.

SOPHIA – O que vocês querem de mim?

DÉBORA – Queremos que você escolha um de nós, e assim decida o rumo da sua vida.

SOPHIA – Vocês querem que eu decida o rumo inteiro da minha vida aqui? Agora?

ÍTALO (IMPACIENTE) – Fico feliz que você esteja acompanhando.

SOPHIA – Vocês querem que eu escolha entre um final triste e um final feliz? Não é meio óbvio a minha resposta?

ÍTALO – Exato. Eu sou obviamente a melhor opção.

DÉBORA – Ela estava se referindo a mim.

ÍTALO (Chocado e ofendido) – O quê???

DÉBORA – Comigo todo o seu esforço será recompensado. Você está no quarto período de Direito, não é? Sei que você é a mais esforçada da sua turma, sempre foi. Você trabalha desde os 15 anos e sempre correu atrás dos seus sonhos. Eu posso te garantir a recompensa, é só me escolher pelo resto da sua vida.

ÍTALO – Ei, ei ei! Presta atenção, garota. Se você escolher essa velha acabada, terá que negligenciar o presente. Você tá disposta a abrir mão de todas as festas, todos os rolês, toda a bebedeira? Pensa bem, sem sair todo final de semana!

SOPHIA – Mas eu já quase nem saio de casa, não vai fazer tanta diferença não.

ÍTALO – Mas e as mulheres... você não vai ter tempo para as mulheres.

SOPHIA PARECE RECONSIDERAR POR UM MOMENTO.

DÉBORA – Para de confundir a garota! Sophia, olha para mim. (pausa curta) Sabe de uma coisa? Eu acho que você precisa de um estímulo visual.

DÉBORA BATE DUAS PALMINHAS RÁPIDAS.

DÉBORA – Manda entrar a Sophia do futuro, versão Final Feliz! (CRITA PARA TRÁS DO PALCO)

ENTRA EM CENA UMA MULHER MADURA, TODA ARRUMADA E BEM VESTIDA, FALANDO NO CELULAR. ÍTALO, DÉBORA E SOPHIA ASSISTEM.

SOPHIA DO FUTURO – Não, Jaqueline, avise ao sr Walker que a proposta dele foi recusada. (PAUSA) Sim, sim. E que horas sai o jatinho? Ok. E quanto ao sr Lewis, a secretária dele avisou quando a transferência será feita? (PAUSA) Excelente. (PAUSA) Ah, Taylor deu uma pequena pausa na reunião e eu aproveitei para resolver essas coisinhas. Tempo é dinheiro, querida. Na verdade, essa reunião está me custando mais tempo do que eu planejava. Mas fazer o quê? Esse processo vai render mais alguns dígitos antes da vírgula na minha conta bancária, tive que vir resolver pessoalmente. (PAUSA MAIS LONGA, SOPHIA COMEÇA A SORRIR LENTAMENTE) Ah, que notícia fantástica! Pode deixar que eu faço questão de lidar com esse caso. (PAUSA) Ok. Preciso desligar agora, a gente se vê no meu escritório.

SOPHIA ENCERRA A LIGAÇÃO. COMEÇA A RIR SOZINHA. A RISADA GRADATIVAMENTE SE TORNA UMA RISADA HISTÉRICA. ABRUPTAMENTE, SOPHIA PARA DE RIR E OLHA PARA TODOS OS LADOS. ALGUÉM VEM VINDO. THOMAS ENTRA EM CENA. SOPHIA CONTÉM A GARGALHADA, MAS TORNA A SORRIR.

THOMAS – Olha só, se não é o tubarão da empresa, minha galinha dos ovos de ouro. Posso perguntar o motivo do seu sorriso?

SOPHIA DO FUTURO – A vida é boa, meu amigo. Muito boa.

THOMAS – Para a advogada mais bem sucedida do ramo, deve ser mesmo.

SOPHIA DO FUTURO RI, DÁ DOIS TAPINHAS NO OMBRO DE THOMAS.

SOPHIA DO FUTURO – Vamos, Thomas. A pausa da reunião já acabou.

OS DOIS SAEM DE CENA.

DÉBORA (PARA SOPHIA) – O que me diz?

SOPHIA – Rapaz, eu chego tava rindo à toa. Bom demais, onde eu assino?

ÍTALO – Opa, gracinha, não vai nem querer ouvir meu lado?

SOPHIA – Olha, você vai ter que se esforçar pra superar isso.

DÉBORA SORRI SATISFEITA.

ÍTALO – Assista. (BATE DUAS PALMINHAS)

BARULHO DE FESTA NO FUNDO. SOPHIA DO FUTURO ENTRA ACOMPANHADA DE UMA AMIGA. AS DUAS ENTRAM RINDO E ESTÃO BÊBADAS.

AMIGA – Mulher, eu tô toda me tremendo. Não tô nem sentindo minhas pernas mais, de tanto dançar.

SOPHIA DO FUTURO – Eu com certeza vou acordar rouca amanhã.

AS DUAS SE OLHAM, PAUSAM. DESMONTAM DE RIR.

AMIGA – Ai, eu nem tô acreditando na quantidade de gente que veio, tá todo mundo da nossa faculdade aí, e até de outras. (DE SÚBITO SE LEMBRA DE ALGO E SUSPIRA) Menina! Sabe quem tá aí também? (SORRI COM CUMPLICIDADE) A sua preciosa Evelyn.

SOPHIA DO FUTURO – Que Evelyn?

AMIGA – Ah, Sophia, me poupe! (A EMPURRA DE LEVE). Faz dois meses que você tá falando dessa garota do curso de moda.

SOPHIA DO FUTURO – Que mentira! Faz duas semanas, só.

AMIGA – Sua cretina safada. Olha aqui, hoje é a sua chance. Nós vamos sair desse banheiro e você vai chegar nela, entendeu? Ou eu nunca mais saio com você de novo.

SOPHIA DO FUTURO – Tá bom, tá bom. Eu prometo que vou falar com ela hoje, mas primeiro vou beber mais um pouquinho, pra dar coragem, sabe?

AMIGA – Ok, mas eu vou cobrar, hein? (AS DUAS VÃO SAINDO DE CENA). Mas eu acho que você tá é arrumando desculpinha pra encher a cara.

SOPHIA DO FUTURO – Maldição! (IRÔNICA). Fui metaforada!

ÍTALO – E aí?

SOPHIA (PENSATIVA) – Essa tal de Evelyn... ela é bonita?

ÍTALO – Aham.

SOPHIA – Quão bonita?

ÍTALO – Tipo Cate Blanchett.

SOPHIA – Sou toda sua, cara.

DÉBORA (INDIGNADA) – Ei! Você vai trocar toda aquela riqueza por uma festinha?

SOPHIA – Amiga, ela parece a Cate Blanchett. Por mais que eu seja rica, não dá pra comprar isso. Não vende na Shoppe.

DÉBORA – Mas ela não é a Cate Blanchett! Ítalo tá exagerando.

ÍTALO (PARA SOPHIA, EM TOM DE CUMPLICIDADE) – Não tô, não.

DÉBORA – Ahg, que seja! Vamos ver então o que teria acontecido se você não tivesse ido nessa bendita festa! (BATE DUAS PALMAS AGRESSIVAMENTE)

SOPHIA DO FUTURO ENTRA EM CENA COM UMA CARTA NA MÃO. ELA ABRAÇA O ENVELOPE E FECHA OS OLHOS, COMO SE ESTIVESSE FAZENDO UM PEDIDO. ENTÃO ABRE O ENVELOPE, LÊ O CONTEÚDO, GRITA E COMEMORA. A PRIMA DELA, ENTRA EM CENA.

PRIMA – O que foi, maluca? Que escândalo é esse?

SOPHIA DO FUTURO – Eu passei! Eu passei!!! Eu vou pros Estados Unidos!!!

PRIMA (IRÔNICA) – Uau, que surpresa. Nunca imaginei que a prima prodígio da família fosse conseguir mais uma conquista pra esfregarem na minha cara todo natal. Vai lá pra sala contar pra nossas mães o quanto você é incrível e tudo mais. Minha mãe acaba de ganhar mais um motivo pra preferir a sobrinha do que a própria fi- (SOPHIA DO FUTURO A INTERROMPE COM UM ABRAÇO)

A PRIMA SE RENDE E COMEMORA TAMBÉM.

PRIMA – Lembrei de uma coisa. Agora você vai parar de encher meu saco se lamentando pela festa que você perdeu estudando! Olha, todo mundo saiu ganhando.

SOPHIA DO FUTURO – É verdade! Agora vou poder esfregar na cara de todo mundo que me desprezou por não ter vida social. HAHHAHAHAHA! (RISADA MALIGNA) Bora que todo mundo vai ficar sabendo como esse mundo dá voltas.

AS DUAS SAEM DE CENA ABRAÇADAS

DÉBORA – E então, Ítalo? Me escolhendo, ela vai realizar o sonho dela de ir morar fora do país, e muitos outros sonhos. Vai ser uma mulher extremamente bem-sucedida, todo esse esforço vai ser recompensado. Ela só precisa decidir entre namorar uma mulher bonitinha que parece a Cate Blanchett mas não é a Cate Blanchett, ou ter e ser tudo que sempre

sonhou na vida.

ÍTALO – Docinho, essa mocreia teve a audácia de chamar alguém que parece a Cate de “bonitinha”.

SOPHIA – Imperdoável.

DÉBORA (SEGURA NAS MÃOS DE SOPHIA, EXASPERADA) – Sophia, pensa bem! Pensa no orgulho que você vai dar para a sua família! Pensa naquela rinoplastia que você sempre quis fazer! Você vai ter dinheiro para ser a mulher que sempre quis ser, fisicamente. Além das conquistas interiores!

ÍTALO – Tá apelando já, sua víbora. Percebeu a sua derrota?

DÉBORA – Ítalo, se você abrir a boca mais uma vez eu juro que eu vou- (SOPHIA INTERROMPE)

SOPHIA – Ei, ei, ei, olha a baixaria! Ítalo, essa é a sua vez de contra argumentar.

ÍTALO – Certo, certo. Essa é a minha resposta. Depois disso, você vai tomar a decisão final.

DÉBORA (RI COM DEBOCHE) – Mal posso esperar para ver com qual festa e bebedeira você pretende convencer a mortal.

ÍTALO OLHA PARA DÉBORA POR UM MOMENTO, SÉRIO. BATE DUAS PALMAS. ENTRA EM CENA A SOPHIA DO FUTURO. ESTÁ TRISTE, VESTIDA DE PRETO. SENTA NO MEIO DO PALCO E COMEÇA A CHORAR ENQUANTO FALA.

SOPHIA DO FUTURO – Por quê? Por que você me deixou tão cedo? (DÁ UMA RISADA AMARGA) Você não pode nem me ouvir mais, nem sei porquê estou aqui falando sozinha. Mas, pai, se você puder me ouvir... eu... eu juro que... (CAI NO CHORO).

A MÃE DE SOPHIA ENTRA EM CENA USANDO PRETO. ELA SE AJOELHA AO LADO DA SOPHIA DO FUTURO. PÕE A MÃO NAS COSTAS DELA.

MÃE – Minha filha. (SEGURA AS MÃOS DE SOPHIA DO FUTURO E A FAZ OLHAR EM SEUS OLHOS) Seu pai tinha muito orgulho de você. Sabe disso, não sabe?

SOPHIA DO FUTURO – Orgulho de quê, mãe? Tem tanta coisa que eu ainda não conquistei. Na verdade, talvez seja até melhor ele não ver o fracasso que eu sou.

MÃE – Sophia! Do que você está falando? Olha tudo que você já conseguiu! Será que a sua ambição não te deixa enxergar isso?

SOPHIA DO FUTURO – Mesmo que eu tenha algo, ainda tem muito mais que eu quero alcançar. Meu sonho está longe de ser realizado. E mesmo que eu consiga realizar, do que adianta se meu pai não vai está aqui pra ver? A verdade é que eu não tenho nada, e acabei

de perder o que eu tinha.

MÃE – Você tem a mim. Não é o suficiente?

SOPHIA DO FUTURO – Ah, mãe. (COMEÇA A CHORAR E A ABRAÇA)

MÃE – Mesmo que eu não seja suficiente, porque eu sou, você ainda teria todos os seus amigos que te amam tanto e que estão com você pra tudo. E o amor da sua vida, claro. Quantas pessoas conseguem o que você conseguiu? Alguém que te ame incondicionalmente e seja sua parceira de vida não se acha em qualquer esquina. Minha filha, você nunca vai estar sozinha, porque conquistou pessoas incríveis. E o seu pai não poderia ter pedido por uma filha melhor. Todas as vezes em que você não abriu mão de passar um tempo com ele e comigo foram verdadeiros tesouros. Seu pai te amava muito, assim como eu te amo.

SOPHIA DO FUTURO (ENXUGANDO AS LÁGRIMAS) – Você tem razão, mãe. Fui estúpida de falar essas coisas, não é o que eu penso de verdade.

MÃE – Eu sei, querida. Não tem sido fácil, mas você pode contar comigo para conseguir forças para continuar. E com a Evelyn. E com seus amigos, que estão te esperando lá fora, comendo o buffet inteiro. Sério, acho que eu exagerei nos elogios para aquele bando de maluco.

SOPHIA DO FUTURO (RI) – É, eles são os melhores mesmo. Vamos lá logo, antes que eles acabem com tudo. A Evelyn já ficou de babá por tempo demais, coitada.

AS DUAS RIEM. LEVANTAM E SAEM SORRINDO E ABRAÇADADAS. SILÊNCIO.

ÍTALO – Se você me escolher, eu não posso garantir toda a fortuna que a Débora ofereceu. Sendo sincero, você vai estar bem longe de ser rica. Mas eu posso te assegurar que cada momento que você passar com as pessoas que ama valerão mais que dinheiro.

DÉBORA – Você precisa de sacrifícios para conquistar o que almeja. Mas me escolher não quer dizer que você vai ter que abrir mão da sua família, você vai apenas focar em você.

ÍTALO – Você vai é ficar rica e isolada, abandonada e descartada como um papel de bala.

DÉBORA – Ou pobre falida, viciada em drogas e em álcool.

ÍTALO – Puta merda, você não consegue mesmo me ver como algo além do que uma garrafa de vodka! Eu sou a porra do seu irmão, e mesmo assim a única coisa que você fez em todos esses anos foi me desprezar.

DÉBORA – Ah, e como se você me tratasse com o mínimo de dignidade! Tudo o que eu fiz foi para o seu bem!

ÍTALO – Como criticar tudo o que eu faço, criticar a minha essência pode ser “pro meu bem”?

DÉBORA – Você acha que é fácil te ver se destruindo, jogando a vida fora?

ÍTALO – Eu sou imortal, porra!

DÉBORA – É jeito de falar, seu capeta! E a única coisa que eu não entendo é por que seria um crime ter um pouco de responsabilidade.

ÍTALO – E por que seria um crime valorizar os momentos com as pessoas amadas?

SOPHIA – Gente...

ÍTALO E DÉBORA: O quê?!

SOPHIA (SE ASSUSTA) – An... eu...

DÉBORA – Decida agora, Sophia, e acabe com essa discussão de uma vez por todas!

ÍTALO – Isso! Prove que eu sou o melhor!

DÉBORA – Olha aqui, seu miserável...

SOPHIA (GRITA) – Cala a boca vocês dois! (PAUSA, SOPHIA RESPIRA FUNDO) Eu já tomei a minha decisão.

ÍTALO E DÉBORA OLHAM PARA ELA ANSIOSOS.

SOPHIA – Eu decidi escolher...nenhum dos dois. Quem vocês pensam que são para me obrigar a decidir uma vida inteira baseado em dois lunáticos? (DÉBORA E ÍTALO TENTAM PROTESTAR, MAS SOPHIA NÃO PERMITE). Eu não quero saber! Vou continuar vivendo minha vida, um passo de cada vez, decidindo conforme vivo. Vocês precisam se tratar, e eu me recuso a fazer parte disso. Ah, e se querem saber qual dos dois é melhor, acho que é difícil dizer quem é o menos pior. Continuem brigando e discutindo aí eternamente, eu vou embora.

SOPHIA SAI. SILÊNCIO.

DÉBORA – Talvez...talvez tenha sido errado isso que a gente fez. Envolver uma mortal nos nossos problemas.

ÍTALO – É. Acho que talvez...a gente deva respeitar as diferenças um do outro.

DÉBORA – Sim, acho que você tem razão.

SILÊNCIO.

ÍTALO – Vamos apostar de novo?

DÉBORA – Com certeza, essa mortal veio com defeito.

OS DOIS DÃO AS MÃOS E SOLTAM O GRITO TOSCO DE INVOCÇÃO. LUZ APAGA.



A ÚLTIMA VALSA

**THAILA ALEXANDRA, HELENA DORNELAS E
JORDANA DUARTE**

A ÚLTIMA VALSA

**THAILA ALEXANDRA, HELENA DORNELAS E JORDANA
DUARTE**

CENA 1 – ÂNGELA E JOSÉ ENTRAM ENQUANTO ARRUMAM A CASA PARA RECEBER OS CONVIDADOS.

ÂNGELA – Foi no Saldanha.

JOSÉ – Nada disso, foi no Náutico Brasil.

ÂNGELA – Como você é teimoso!

JOSÉ – Olha quem fala.

ÂNGELA – Eu tinha ido com a Catarina e a Zezé, que Deus a tenha. Nós íamos assistir o show da Clara Nunes (CANTAROLA A MÚSICA – O MAR SERENOU QUANDO ELA PISOU NA AREIA...)

JOSÉ – Esse show foi no Arci, em Vila Velha, eu perdi porque no mesmo dia tinha jogo do fogão.

ÂNGELA OLHA PRA ELE.

ÂNGELA – É mesmo, acho que eu tô confundido as coisas.

JOSÉ – É a idade meu bem.

ÂNGELA – Ah tá, você é mais velho que eu.

JOSÉ – Mas sou mais conservado.

ÂNGELA (rindo) – Virou picles agora, pra ser conserva?

JOSÉ – Por você eu viro picles, palmito, azeitona... (ELE A ABRAÇA)

ÂNGELA – Não sei como te aguento.

JOSÉ – Depois de 35 anos, ou é castigo ou amor.

ÂNGELA – Deve ser um pouquinho de cada um.

JOSÉ – Deve ser. (SE OLHAM) Como você está se sentindo hoje?

ÂNGELA – Tô ótima.

JOSÉ – Fala a verdade.

ÂNGELA – Tô melhor que ontem e pior que amanhã. (SE AFASTA) Vamos, que daqui a pouco a Raquel chega com as meninas e não tem nada arrumado.

JOSÉ – Você vai querer usar a louça que a gente ganhou de casamento?

ÂNGELA – Claro, prá que ficar guardando? A gente fica esperando uma ocasião especial, porque não hoje?

JOSÉ – Está certíssima, quem sou eu prá discordar.

ÂNGELA – Acho bom, vai lá dentro e vê se o forno já esquentou.

JOSÉ (SAI) – Sim senhora.

ÂNGELA ARRUMA AS CADEIRAS, A MORTE PASSA AO FUNDO. TOCA A CAMPAINHA.

ÂNGELA – Ai meu Deus (GRITA) já vou, só um minuto.

RAQUEL, VITÓRIA E VALENTINA ENTRAM.

ÂNGELA – Ai que bom que chegaram, tava preocupada com o trânsito.

RAQUEL – Oi mãe, foi difícil mesmo, sexta a noite essa cidade vira um caos.

VITÓRIA – E aí vó, tudo beleza?

ÂNGELA – Tudo o que, menina?

VITÓRIA – Nada não vó, fica na boa aí.

ÂNGELA – Que língua é essa que esses meninos falam hoje em dia? Eu não entendo nada.

VITÓRIA – Não entende ou não escuta? A senhora tá ficando surda heim.

ÂNGELA – Ô infeliz, surda é sua avó.

VITÓRIA (RINDO) – Também acho.

VALENTINA – Não dá papo pra ela não vó, a Vitória é uma chata.

ÂNGELA – E como você está?

VALENTINA – Tô ótima vó, sabia que tô fazendo teatro na Faesa?

ÂNGELA – Que lindo, vai ser a próxima Cacilda Becker.

VALENTINA – Quase isso vó.

JOSÉ (ENTRA) – Boa noite, agora a festa pode começar.

VITÓRIA E VALENTINA – Oi vô.

VITÓRIA E VALENTINA CUMPRIMENTAM JOSÉ, SENTAM E PEGAM OS CELULARES.

RAQUEL – Ei pai, como ela está?

ÂNGELA – Ela está bem aqui, se quer saber alguma coisa de mim, pode me perguntar.

RAQUEL – Esquece mãe.

ÂNGELA – Mania de falar de mim pelas minhas costas.

RAQUEL – Não é nada disso. O problema é que você nunca responde direito.

JOSÉ – Vamos parar vocês duas. Vem Raquel, me ajuda aqui na cozinha.

ÂNGELA – E vocês duas, podem largar esses telefones e me ajudar aqui.

VITÓRIA E VALENTINA LEVANTAM. CADA UMA PEGA UMA TRAVESSA E SAI.

CENA 2 – A CAMPAINHA TOCA. JOSÉ ABRE A PORTA E CATARINA ENTRA.

JOSÉ – Seja bem-vinda.

CATARINA – Finalmente a gente tá podendo se encontrar de novo, não aguentava mais de saudade.

JOSÉ – Viva a vacina!

CATARINA – Viva no braço e comida no prato.

ÂNGELA – Assim é que se fala. Vem cá me dá um abraço. (SE ABRAÇAM) Ai Catarina, achei que isso nunca ia passar.

CATARINA – Eu também minha querida. Mas a gente venceu mais essa.

ÂNGELA – Sabe do que a gente estava lembrando hoje? Do show da Clara Nunes no Saldanha.

JOSÉ – No Arci.

ÂNGELA – É, no Arci.

CATARINA – Gente, foi nesse show que eu conheci o Ernesto.

ÂNGELA – Que praga hein.

CATARINA – Para, o Ernesto foi uma parte importante da minha vida.

ÂNGELA – Foi. Passado, pretérito... esquece.

CATARINA – Já esqueci a muito tempo, você que desenterrou com esse show da Clara Nunes.

ÂNGELA – Como ela era linda.

JOSÉ – Morreu tão nova.

CATARINA – Jovem e poderosa, que nem a gente (RI)

RAQUEL (ENTRA) – Oi madrinha.

CATARINA – Vem cá minha linda. Cadê as meninas?

RAQUEL – Estão lá dentro conversando com os amigos.

ÂNGELA – Tem mais alguém aqui em casa?

RAQUEL – Não mãe, estão conversando pelo whatsapp.

ÂNGELA – Essa modernidade.

CATARINA – Não reclama não, se não fosse a internet eu tinha endoidado nessa pandemia.

JOSÉ – Isso é verdade, a internet fez com que muita gente se encontrasse sem sair de casa.

ÂNGELA – Mas agora já passou, a gente pode conversar pessoalmente.

RAQUEL – Elas já vêm mãe, pode deixar.

CATARINA – E você minha querida, como tem passado?

RAQUEL – Me reerguendo.

CATARINA – Separação nunca é fácil.

ÂNGELA – Mas a males que vem para bem.

RAQUEL – Mãe!

ÂNGELA – E eu tô mentindo?

RAQUEL – Isso é jeito de falar? (SAI)

JOSÉ – Precisa dessa implicância? (SAI ATRÁS DELA)

CATARINA – É minha amiga.

ÂNGELA – Eu sei, mas tem hora que é difícil ficar calada.

CATARINA – Você não precisa ficar calada, mas pode ter mais cuidado como fala.

ÂNGELA – Tá certo.

A MORTE ENTRA NA SALA. ÂNGELA OLHA PARA ELA. CATARINA NÃO A VÊ.

CATARINA – Que cara é essa? Tá tudo bem?

ÂNGELA – Vai lá dentro pegar uma água pra mim, por favor.

CATARINA – Claro (SAI)

MORTE – Oi.

ÂNGELA – Você é a...?

MORTE – Sou.

ÂNGELA – O que você está fazendo aqui?

MORTE – Eu vim te buscar.

ÂNGELA – Eu não quero ir.

MORTE – Quase ninguém quer.

ÂNGELA – Eu preciso sentir medo?

MORTE – Uma mulher como você? Jamais.

ÂNGELA – Eu posso me despedir?

MORTE – Pode, mas não temos muito tempo.

ÂNGELA – Você fica para jantar?

MORTE – Eu não sinto fome.

ÂNGELA – Isso realmente é a morte. (SORRI) Me fala de você.

MORTE – Eu sempre estive por aqui, sozinha, acompanhada, às vezes serena, gentil, outras nem tanto. Eu sou mistério, sou parte da vida, assim como meu irmão nascimento.

ÂNGELA – Eu nunca tinha pensado em você assim.

MORTE – Pois é, mas eu sou o instante e o para sempre.

BARULHO.

ÂNGELA – Tem gente vindo.

MORTE – Não tem problema, eles não podem me ver. Eu estou aqui por você.

ÂNGELA – Seja carinhosa comigo.

A MORTE SAI E VITÓRIA ENTRA.

VITÓRIA – Vó, qual a senha do wifi?

ÂNGELA – Antes eu posso te pedir uma coisa?

VITÓRIA – Pode.

ÂNGELA – Seja gentil com sua mãe e com sua irmã. Não hoje, mas quando vocês saírem daqui, no dia a dia, na hora que não tiver fácil nem pra elas e nem prá você.

VITÓRIA – Que isso vó?

ÂNGELA – É só um pedido, na verdade dois. O outro, é que eu quero que você seja gentil com você mesma. Não precisa se esconder atrás dessa máscara, seu rosto é muito mais bonito quando é verdadeiro. Tudo bem?

VITÓRIA – Tudo.

ÂNGELA DÁ UM BEIJO NA TESTA DELA.

VITÓRIA (SAI) – Eu hein.

CATARINA (ENTRA) – Aqui sua água.

ÂNGELA – Obrigada. (BEBE A ÁGUA)

CATARINA – De nada.

ÂNGELA – Obrigada por você fazer parte da minha vida, obrigada por ser minha amiga, por compartilhar tanto comigo.

CATARINA – Porque você tá me falando isso agora?

ÂNGELA – Eu descobri que a gente fala sobre tanta coisa, mas o essencial a gente esquece de falar. E eu não quero que você esqueça o quanto é importante prá mim. O quanto de saudade eu senti quando você ficou longe.

CATARINA – Eu sei, mas não tô entendendo isso agora.

ÂNGELA – Não precisa entender. Só saber que você é minha melhor amiga, uma amiga maneira, não é assim que se fala hoje em dia.

CATARINA – Vem cá (SE ABRAÇAM) Vai ficar tudo bem.

JOSÉ (OFF) – A lasanha está quase pronta.

VALENTINA (ENTRA) – Vó, o vovô pediu pra avisar que a lasanha está quase pronta.

ÂNGELA – Eu ouvi meu amor, obrigada. Catarina, você pode ajudar o José a finalizar os pratos.

CATARINA – Posso sim, deixa comigo. (SAI)

ÂNGELA – E você hein menina.

VALENTINA – Que foi?

ÂNGELA – Você é um presente sabia? É dessas pessoas que agregam, que vieram ao mundo pra somar, pra ser luz... não deixa que ninguém apague essa luz.

VALENTINA – Eu sou apenas o reflexo das luzes que chegam até mim.

ÂNGELA – Tá vendo, foi isso que acabei de falar. (RAQUEL ENTRA E FICA AO FUNDO. A MORTE PASSA PELO PALCO) Sua mãe fez um lindo trabalho com você, com você e com sua irmã, mas ela ainda precisa ser lapidada.

RAQUEL – Isso foi um elogio?

ÂNGELA – Eu faço pouco isso né? Você merecia ouvir mais.

VALENTINA – De repente senti que fiquei sobrando, com licença. (SAI)

ÂNGELA – Você significa muito prá mim.

RAQUEL – Quê isso mãe?

ÂNGELA – Você é uma mulher impressionante minha filha, e eu nem sempre facilitei as coisas pra você.

RAQUEL – Para com isso.

ÂNGELA – Talvez por achar que eu precisasse te desafiar, mas na verdade, eu só precisava ser suporte, estar do seu lado, sei lá.

RAQUEL – Mãe, eu aprendi muito, com você e com o papai, mas nós nos tornamos pessoas muito diferentes.

ÂNGELA – Talvez tenhamos nos tornado mais parecidas do que imaginamos.

RAQUEL – Pode ser.

ÂNGELA – Eu queria te dizer tanta coisa, queria que a gente tivesse tempo pra passar mais, pra comer pipoca com manteia derretida por cima, pra apreciar os detalhes.

RAQUEL – Mãe, a gente fez isso tudo, a gente chorou com final de novela, riu com cada conquista das meninas, brigou, se entendeu. Tá tudo bem. A vida é fluida, é falta de certezas, de definição, de instantes e de para sempre.

ÂNGELA – Assim como a morte.

RAQUEL – É...

JOSÉ (ENTRA) – Vamos jantar?

RAQUEL (DÁ UM BEIJO NA TESTA DE ÂNGELA E SAI) – Vamos.

ÂNGELA – Eu queria te falar tanta coisa.

JOSÉ – Você já falou. Em cada bom dia, boa noite, ao se preocupar com nossa casa, com nossa filha, ao aceitar minhas manias...

ÂNGELA – Você também.

A MORTE ENTRA, LIGA A VITROLA E COLOCA UMA MÚSICA PARA TOCAR. ÂNGELA E JOSÉ DANÇAM.

ÂNGELA – Foi longo o nosso percurso.

JOSÉ – Foi. E cada momento dele foi lindo, os fáceis e os difíceis. Porque era a gente. ÂNGELA – Juntos.

JOSÉ – É, e eu te amei em cada momento e vou te amar para sempre.

ÂNGELA – Como diria Emily Dickinson, o para sempre é composto de agoras.

JOSÉ – Então eu te amo agora.

A MORTE PEGA ÂNGELA PELA MÃO E ELAS SAEM. JOSÉ CONTINUA DANÇANDO COM O CASACO DE ÂNGELA. LUZ APAGA.





ATO II

**PROSAS/
EM BRIBÕES**



O PALACETE DE MARFIM

ESTER TAVARES DE AZEVEDO PEREIRA

Se apresse!

A sua hora está prestes a extrapolar. Mais um minuto e menos um segundo. A saia esvoaçante do vestido azul celeste de Anabeth Chrysallys farfalhava pelo caminho tortuoso e pintado pelas folhas alaranjadas do pico do outono. O ar gélido da clareira batia em seu rosto consternado pela pressa.

Ela tinha que alcançá-lo!

Precisava se apressar!

As sapatilhas de cetim macio desenrolaram-se de seus pés ligeiros, mas a donzela prosseguiu determinada.

Avante!

E sem olhar para trás, largou a elegância e os bons modos e voou para chegar até o seu lar antes que tudo fosse e a hora espreitasse para devorá-la. Correu mais rápido, mais veloz, mais ágil! Até que avistou os portões dourados e se abrigou nos coretos verdejantes de sua morada.

O palacete de marfim a espera e a promessa do pertencer quer afagá-la assim que os portais do palacete de marfim ela adentrar.



ALGO MUDOU ENTRE NÓS

ESTER TAVARES DE AZEVEDO PEREIRA

Verona havia acabado de chegar de Cambridge, cidade onde se situava a sua universidade. Ela havia terminado sua faculdade de Design Gráfico em Havar. Verona esperava reencontrar sua melhor amiga, Olívia em Londres, sua cidade natal. Quando chegou em casa deixou os seus pertences pela bancada da cozinha e correu para mostrar a Olívia que ela havia retornado, e de verdade. Já era noite quando Verona chegara de viagem, por isso ela pensou que teria de ser breve em sua visita a casa de sua melhor amiga. Porém, assim que Verona colocou os pés no quintal da casa de Olívia, a jovem moça escutou uma cacofonia de sons. Olívia estava dando uma festa! Verona adentrou ainda mais pela muvuca densa de pessoas que dançavam, gritavam, bebiam e se sentiam livres. Quando conseguiu avistar a cabeleireira ruiva de Olívia, que balançava de maneira desinibida, o corpo esbelto no ritmo da música es-tourada, sentiu que poderia derreter de saudade, alegria e um sentimento a mais... O que seria? Verona não soube responder naquele instante, nem mesmo quando o seu coração galopou desenfreado dentro do peito deixando a sua garganta seca e os dedos das mãos trêmulos. Mas, quando ela viu o sorriso radiante e emocionado de Olívia, ela sabia... sim, ela sabia que algo entre elas havia mudado.



CANTE PARA MIM

HELENA DORNELAS

Cante para mim pela última vez
Antes que a alma se esvazie
Cante para mim pela última vez
Esse é meu último pedido
Antes do suspiro final
Cante para mim a música que cantava para eu dormir
A última melodia, antes do partir
Antes de tudo tornar apenas lembranças
Cante para mim, por favor
A canção que costumava usar para eu dormir
Continue sendo a maior poeta que eu conheci
Continue abençoando os outros com a sua melodia
Que nunca se esqueça de sorrir
Cante pela última vez
A canção que usava para me velar
A canção que trilhava meu sonhos
Cante para mim pela última vez
A minha música favorita



MEMÓRIAS

HELENA DORNELAS

Agora tudo se tornou memória
Momentos que não vão existir mais
Novas histórias que nem tiveram chance de acontecer
Momentos tão esperados que não saíram conforme o planejado
Pessoas novas, nunca vão saber como o seu sorriso era o mais lindo
Como seu abraço era o mais gostoso
Como o seu cafuné era o mais aconchegante
Eu sinto sua falta



A VIAGEM

JOÃO LUCAS PIMASSONI

Sentada em um banco da praça, Sofia sente sede de uma coisa que não tem explicação. Ela sente calor enquanto vê o doce odor das flores em seu colo, ao mesmo tempo em que o sol bate em sua face. Ela lembra dos erros do passado e sente um calafrio na coluna, sente que deveria ter aproveitado mais e rido mais com seus amigos.

O dia estava lindo, contrário aos sentimentos duvidosos da garota, bem como o cheiro doce das flores em seu colo. Ela chora pensando na sensação de liberdade que nunca teve ao pensar nos horrores que viveu no passado, e das coisas que nunca fez. Ela sente que está na hora da viagem.

Sim, aquela bem longa e duradoura.

Ela atravessa a rua e adentra um campo florido e colorido, cheio de animais que ela via na vitrine da loja quando era criança.

Ela sente um calor intenso e percebe que nada mais daquilo importa.

Sua viagem foi realizada com sucesso. Ela vê todos aqueles a quem nunca soube como dizer o que sentia, porém como mais nada importa, ela engole o choro e aceita a liberdade que a espera ao longo da estrada de ouro e luz.



APOSENTADO NOSTÁLGICO

JOÃO LUCAS PIMASSONI

Um senhor ouve a vitrola em casa olhando fotos da família. Ele chora e a lágrima cai sobre uma das fotos, porém não são lágrimas de tristeza, mas de felicidade e orgulho.

Ele anda pela casa, passando na frente de itens antigos e fotos amareladas de sua esposa e amigos, que o fazem lembrar de seu casamento ainda no mundo em preto e branco. Fotos de sua infância o fazem bater no peito com orgulho e firmeza, mas sem força por já possuir artrites.

Ele vai ao jardim e olha com alegria para as flores e os animais que estão ali presentes. Ele volta a casa e ao pegar sua bengala, chapéu e casaco, inicia mais um dia de caminhada.

Ele chega a um bosque e anda pela estrada ali presente com orgulho e cabeça erguida. Olha a bela paisagem a sua volta e sente-se um rei.

Ao chegar ao fim do bosque, ele anda pelas ruas da cidade e chega a sua quitanda. Mesmo não ganhando muito, a felicidade de uma vida bem vivida o faz continuar a sua rotina por mais um dia.



O (DES)FLORESCER DO TEMPO

LOREN BREMENKAMP PETERLI

Pressa. Muita pressa.

Corre, corre, um pouco mais perto... preciso entregar as flores, são tão lindas, cheirosas, são as minhas favoritas, lembro da primeira vez que ganhei dessas.

Meu anel, agora rústico, faz com que nem pareçam mais com as belas e juvenis flores que outrora me dera naquela subida de balão. O céu está azul, limpo e ao mesmo tempo ríspido, do jeito que você amava contemplar numa tarde de inverno. A marca no meu dedo continua aqui, parece até que ainda o uso, porém, sinto receio de que um dia ela desapareça. Aquele dia é tão claro na minha mente, posso revivê-lo várias e várias vezes. O lugar era calmo, em um único suspiro era possível sentir um alívio, era tão iluminado pela sua presença, queima dentro de mim a fúria de sua ausência.

Hoje, um balde gelado caiu sobre a minha cabeça e só me resta uma taça de champagne para triunfar sobre os dias de amargura. Eu era livre, meus olhos tinham vida, cheiro de lavanda e toque de seda.

Tic tac, ecoava o relógio às 16:00h em ponto.

Cheguei a tempo para entender que aquelas flores que começaram a nossa história, agora encerro com elas em cima do seu caixão.



O ENCONTRO DE VIDAS

LOREN BREMENKAMP PETERLI

O lugar está escuro, ela já sabia que ele estava ali. A respiração começa a ficar ofegante e, cada vez mais acelerada, mais rápido e mais rápido, fazendo com que o coração chegue a querer saltar pela boca.

Um momento tão esperado como aquele, mas da mesma forma tão angustiante, faz com que ela perca uma das características mais fáceis de ser executada: respirar.

“Meus Deus, preciso de mais ar, está acabando e, junto com ele o tempo”, ela pensa.

Uma voz emana sobre as sombras que confirma o que ela já imaginava, como tão cruel é essa incógnita do improvável, assim como diria, o tempo demora a chegar, mas nunca falha. Está esgotado, acabou, não posso continuar e ela implora por mais, é como viver um sentimento inesgotável de dor e saudade quando ela vê na sua frente o seu namorado desaparecendo, com o resto de cinzas e o pouco de bom que tinha sua vida.

A sessão espírita acaba, as velas se apagam, até a presença dele desaparece e agora só resta o brilho das lembranças em sua memória.



ESTRADA PARA O PARAÍSO

PAULO HENRIQUE RANGEL ROSA

Querido vazio,
faz muito tempo que não conversamos e sinceramente, não senti nem um pouco a sua falta. Me desvencilhar de você foi a chave da minha salvação, a estrada para o meu paraíso. Dizem que amor próprio é muito importante, mas como vou ter esse privilégio se o mundo que vivo é cheio de comparações, onde uma palavra te define ou te julgam sem te conhecer?

Eu me aceitei por um tempo, me senti infinito, mas estou caindo nas minhas próprias paranóias mais uma vez, agora, só vejo luta e escuridão. Infelizmente, não sou mais o mesmo, ainda sim, tento passar de forma imperceptível com meu sorriso, “estou bem” e um “até logo”, mas não garanto o quão rápido será minha partida.

No fundo, essa seria uma boa carta de despedida, mas é só meu conflito interno dentro de um texto, quem sabe se é verdadeiro ou não? Apesar disso, encontrei meu motivo para levantar, algo que eu lute sem pensar. Momentos sempre me geram um sorriso. Uma distância sempre me gera uma saudade. E além do arco-íris eu vou, muito além, digamos que assim eu encontrei meu infinito e além, ali está o meu paraíso.



...

PAULO HENRIQUE RANGEL ROSA

É um som tranquilo como o canto de uma baleia que acaba de sair da água para respirar. Ou tão calmo que me faz lembrar sobre a doutrina Oriental. É um momento que me faz ter a certeza de um pedido, pedido esse que por Deus, estou planejando a um longo tempo. Sem grandes coisas, mas apenas um presente para entregar em uma praia com aquele lindo pôr do sol que vimos na primeira vez, olhando rapidamente para cima e tendo um céu estrelado. Um momento tão mágico que até anseio por uma música. Talvez lenta pelo clima romântico ou acelerado pelo fato da euforia em te ter ao meu lado. Mas sei de uma coisa, você sempre foi a viagem que eu mais queria apreciar. A brisa mais fresca que eu já consegui experimentar. Uma banda em ascensão que eu sempre gostei de escutar. O sonho mais lindo e com diversas possibilidades que eu amei sonhar. No fundo, eu te mostro que você virou meu ídolo, fazendo aqueles de grandes filmes ou gênios do Nobel parecerem pequenos. Qualquer momento se torna especial, do nascer do sol até o entardecer e assim sempre a se renovar.



VOLTAR

RAQUEL SILVA

Pra voltar a mim, é preciso reconhecer onde estou. Daqui, o caminho parece tão calmo, bonito, tímido, mas as memórias já cultivadas aqui, me dizem a verdade, que voltar a mim é me rasgar com minhas próprias mãos, é rir da minha própria dor, encarar meu medo, o medo de mim, não de morte, não de frio, nem de solidão, mas de mim, de quem fui, mas é preciso voltar a mim, destronar meus conceitos e quebrar as vibrações que me põe em um conforto que não é meu lugar.

Voltar a mim, mas pra qual versão? Que não se limita? Que ama acima de tudo? Que não mais acredita? Que vence tudo? Ou a que vive em sonhos? É preciso cuidado pra que eu não me perca, mas se preciso voltar, talvez já tenha me perdido.

Cru, nu, vazio, um lugar feito de nada, as lembranças de um lugar que vivi, lugar que suga, e em toda vida que já vivi, eu sinto muito, e isso não é um pedido de desculpas, eu sinto muito mesmo, e talvez, só talvez, isso seja um pedido de desculpas, de mim para mim, por precisar voltar pra onde eu sentia muito e era sugado de mim esses sentimentos. Sentia o mundo, seu peso, alegrias e tristezas, e vibrações. Sinto ainda, e é bom. Aí está, o medo, medo de voltar, cru, nu e vazio. Sinto muito, isso é um pedido de desculpas. Vou voltar.



ESPAÇO

RAQUEL SILVA

Espaço. Sempre que fecho os olhos, penso nos atos, a escuridão gélida do céu noturno, galáxias inteiras, o brilho das estrelas. Sensação espetacular, de espetáculo, que acontece dentro de mim.

Sinto como se tudo, que está logo ali, acima de tudo, anos luz de distância, foi feito pra mim e pra acesso de minha mente. Minha mente requer espaço, nada limitado, abranger até onde não foi possível chegar, silenciar junto com o som dos astros, sentir a solidão vibrando nos pêlos do meu corpo e deleitar desse espetáculo interior, que só de fechar os olhos, sinto transbordar aqui.





O livro é resultado do curso “Teatro como Transformação Social” que aconteceu em 2022 no Centro Universitário Faesa. São textos dramáticos e embriões de cenas teatrais desenvolvidos ao longo do curso, em que os alunos puderam se expressar pela vida da arte e da escrita teatral.

ISBN: 978-85-61299-11-8

CD



9 788561 299118